

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOLOGIA E  
LÍNGUA PORTUGUESA

ÁLVARO CUNHA

**Introdução à fonologia da hakitía**

São Paulo  
2009

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOLOGIA E  
LÍNGUA PORTUGUESA

## **Introdução à fonologia da hakitía**

ÁLVARO CUNHA

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Filologia e Língua Portuguesa.

Área de Concentração: Filologia e Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Dr. Waldemar Ferreira Netto.

São Paulo  
2009

## FOLHA DE APROVAÇÃO

Álvaro Cunha

Introdução à fonologia da hakitía

Dissertação apresentada à  
Faculdade de Filosofia Letras e  
Ciências Humanas da Universidade  
de São Paulo para obtenção do  
título de Mestre.

Área de Concentração: Filologia e  
Língua Portuguesa.

Aprovado em:

### Banca Examinadora

Prof. Dr. \_\_\_\_\_

Instituição: \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_

Prof. Dr. \_\_\_\_\_

Instituição: \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_

Prof. Dr. \_\_\_\_\_

Instituição: \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_

## DEDICATÓRIA

À LÍVIA PEREZ BADRA, com amor, admiração e gratidão por sua compreensão, carinho, presença e apoio irrestrito ao longo do período de elaboração deste trabalho.

## AGRADECIMENTOS

Devo toda minha gratidão a D'us por ter posto o Prof. Dr. PAULO SOUZA em meu caminho. Não fosse ele, jamais teria conhecido meu honrado orientador, Prof. Dr. WALDEMAR FERREIRA NETTO.

Agradecimento maior fica para meu orientador, Prof. Dr. WALDEMAR FERREIRA NETTO, que me conduziu, literalmente, pelos meandros da ciência linguística. Humilde e solícito, me orientou, apoiou, e emprestou um pouco de seu estímulo, colocando-se sempre à disposição para aquilo que fosse necessário. À parte da questão profissional, não devo me esquecer das negociações linguísticas e “socialização de informação” descompromissadas e agradáveis durante o processo formal.

Agradeço ao CIAM (Comitê Israelita do Amazonas), especificamente ao JAIME BENCHIMOL e ISAAC DAHAN por terem me dado todo apoio de que precisei.

Obrigado aos professores da USP e a todos que — direta ou indiretamente — tiveram alguma participação na minha formação.

“Como pode o aluno querer saber mais do que o professor, ou o servo ser mais do que seu senhor?”

Jesus de Nazaré, judeu.

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo descrever a fonologia da língua Hakitía, língua esta de origem românica falada pela comunidade judaico-marroquina no norte do Brasil. A pesquisa objetiva descrever e documentar esse idioma e quais de seus elementos ainda resistem; e assim, compreender o que acontece com uma língua que tem, praticamente, 516 anos de existência. Esta geração é a última que existe em se tratando dos falantes. Faz-se uma breve contextualização histórica da hakitía, voltando-se à sua origem na Espanha, com a expulsão dos judeus, em 1492, pelos reis Isabel de Castela e Fernando de Aragão, suas várias rotas de exílio, dentre elas, o Marrocos, no norte da África, e, a partir daí até "Eretz" Amazônia. A pesquisa tem como base metodológica pressupostos gerais da linguística estruturalista, no que se refere à sua descrição.

Palavras-chave: hakitía, fonética, fonologia, descrição, escrita.

## ABSTRACT

This study aims at describing the phonology of the Hakitia language, a language of Romanic origin, spoken by the Jewish Maroccan community living in the North of Brazil. This research aims at describing and documenting such language and which of its elements still remains, with the purpose of understanding what has occurred with a language that is, virtually, 516 years old. As far as speaking is concerned, this generation of Hakitian speakers is the last one we know about. We present a brief historical background of the Hakitia language since its origin in Spain until the expulsion of the Jews from this country by the kings Ferdinand and Isabella the Catholic. We examine also their several routes of exile, among which Marrocco in Northern Africa and from there to Amazon "Eretz". The methodological underpinnings used to describe this research came from the general assumptions of structural linguistics.

Keywords: hakitia, phonetics, phonology, description, writing.



## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
2. A PROPOSTA GRÁFICA.....	18
3. CHAVE DE PRONÚNCIA.....	20
4. DESCRIÇÃO ARTICULATÓRIA DOS SONS E SUA DISTRIBUIÇÃO.....	21
4.1. Quadro fonético dos segmentos consonantais.....	21
4.2. Quadro fonético dos segmentos vocálicos orais.....	36
5. FONOLOGIA SEGMENTAL.....	42
5.1. Fonemas consonantais.....	44
5.2. Fonemas vocálicos orais.....	45
6. O MOLDE SILÁBICO.....	46
7. ARQUIFONEMA.....	52
8. CONCLUSÃO.....	54
BIBLIOGRAFIA.....	55

## 1. INTRODUÇÃO

Para os ascendentes dos sefardim — judeus da Península Ibérica — o dia 9 de Av<sup>1</sup> de 5252 é concebido como o desditoso ano, i.e., *personae non gratae* e acontecimentos afligiram os israelitas da região supramencionada como, por exemplo, Isabel e Fernando<sup>2</sup>; Torquemada<sup>3</sup>; Inquisição<sup>4</sup> e Expulsão (Castro, 1973, p. 53).

Muitos foram assassinados e suas propriedades usurpadas mesmo antes de dizerem adeus, outros dissiparam-se da Espanha e se precipitaram mundo afora rumando para longe da Península Ibérica. A Inquisição tornou-se famosa em razão da sangria, queimações em praças públicas e torturas. Sob a égide do 4º Concílio de Latrão, em 1215 (Castro, 1973, p. 79) esteve em intenso exercício até a primeira metade do século 19, sendo mais inflexível na Espanha e em Portugal (Castro, 1973, p. 104).

O cadinho de Jacó foi-se em direções diversas, e na intuição levavam consigo a promessa de que os que semeiam em lágrimas ceifarão com alegria, e aquele que leva a preciosa semente, andando e chorando, voltará, sem dúvida, com alegria, trazendo consigo a recompensa (Salmos 108:6).

---

<sup>1</sup>Av é o 11º mês judaico e corresponde, aproximadamente, ao dia 9 dos meses julho-agosto do calendário cristão.

<sup>2</sup>Isabel de Castela e Fernando de Aragão foram os reis que expulsaram os judeus da Espanha em 1492.

<sup>3</sup>Frade dominicano que difundia a necessidade de que a Espanha contasse apenas com sangue puramente cristão.

<sup>4</sup>Tribunal eclesiástico conhecido como "Santo Ofício", perseguia judeus, muçulmanos e irreligiosos.



Mapa da geolinguística dos ladino-falantes e hakítico-falantes à época da expulsão

Aos judeus que imigraram para a Turquia, Sérvia, Bulgária, Romênia, Grécia, Israel, França e regiões circunvizinhas, a língua usual foi o ladino; já os que imigraram para o norte da África, a língua ficou conhecida como hakitía (Castro, 1973, p. 109).

A hakitía é potencialmente oral, mas houve a tentativa de se escrever nesse falar missivas familiares. Os hakítico-falantes nunca se importaram em estabelecer um alfabeto para a língua.

Hakitía é uma língua românica, erroneamente confundida com o ladino (também uma língua românica), vem perdendo falantes no Brasil; hoje há proficientes apenas no Estado do Amazonas. O número de ascendentes de judeus que sabem a língua é consideravelmente grande, são mais de duas centenas no Estado supramencionado.

A hakitía é um exemplo de situação linguística que emergiu do contato dos falantes de dialetos da Espanha Medieval com o árabe do norte da África e o hebraico litúrgico. É uma língua cujos falantes emigraram pelo mundo afora. Idioma de nenhuma literatura escrita, mas

de vasta narrativa oral, é falado com muita frequência nos lares judaicos, entre os amigos e nas sinagogas pelos judeus vindo do Marrocos, no século XIX, na esperança de fazerem fortuna atraídos pelo ciclo da borracha no norte brasileiro.

O sistema gramatical da hakitía tem a estrutura do castelhano, excetuando suas idiossincrasias provindas de outros contatos com outras línguas. O idioma chegou a assemelhar-se tanto ao espanhol que seus falantes, às vezes, diziam usar um dialeto castelhano.

Essa língua é, relativamente, o resultado da união de três idiomas — castelhano do século 15, árabe marroquino e hebraico litúrgico —, ou seja, é a soma de 38% de arabismo, mais 42% de castelhano do século 15, mais 20% de hebraico litúrgico que é o judeu-marroquino ou hakitía.

## O que é a hakitía?

Derivada da família indo-européia e originária na Península Ibérica com o êxodo dos judeus da “Hispania Medieval” é a língua dos judeus expatriados pelos reis cristãos Isabel e Fernando em 1492 e que foram para o Marrocos.

De acordo com Bentes (1981, p. 71), a origem do nome hakitía tem duas interpretações:

A palavra hakitia poderia ter sido formada de raiz árabe e terminação castelhana; o que é tanto mais provável quanto que na mesma Hakitía figura não raras vezes a voz Hekaia ou Hekaiata e o plural Hekaiat com a significação do dito agudo, ocorrência feliz, ação ou pilhéria digna de chamar a atenção; e derivada do verbo Haka, conversar, falar, dizer, narrar; cujo passivo, como se sabe, é palavra consagrada no princípio de qualquer narrativa.

## Por que hakitía?

Os judeus, séculos atrás, experimentaram uma situação de isolamento absoluto, se comparados com seus patrícios de outras regiões. Era um isolamento social, cultural e linguístico. Criaram, então, formas especiais de falar, seja por particularidades culturais ou por autodefesa, a fim de se comunicarem sem serem compreendidos por não-judeus.

Wexler (1981, p. 27) propõe três razões para o surgimento das chamadas línguas judaicas:

1. Segregação: os judeus não adquiriram as normas dos dialetos não judaicos coterritoriais por causa da exposição limitada à sociedade não judaica. Como resultado, eles podiam não seguir normas não judaicas de padronização. Suas línguas, cortadas das inovações linguísticas que afetavam os falantes não judeus, se tornavam arcaicas;
2. separatismo religioso: o judaísmo encorajaria o uso do hebraico e do aramaico e apresentaria relativo fechamento para com os termos da língua nativa que denotassem conceitos religiosos não judaicos e línguas litúrgicas não judaicas;
- e 3. migrações: com a perseguição, a expulsão, aumentou a probabilidade de os judeus ficarem mais largamente expostos a dialetos heterogêneos e a línguas estrangeiras do que a população não judaica relativamente mais sedentária.

Enquanto alguns desses fatores acima influenciaram no desenvolvimento dum idioma judaico, eles não induzem o nascimento de uma variante judaica distintiva. A maioria das línguas judaicas foram criadas quando os judeus tiveram acesso a normas linguísticas não-judaicas e foram familiarizados com elas. As línguas judaicas são consideradas derivadas das línguas coterritoriais cognatas, com subsequente acréscimo do superestrato hebraico-aramaico e outros componentes geolinguísticos.

Para Bentes (1981, p. 75):

1. A conveniência para os judeus ibéricos, de entenderem-se uns com os outros sem perigo de sê-lo por estranhos, mouros ou cristãos, em tempos em que todos os meios de defesa eram poucos para preservar-se de perseguições e atropelos. Isto seria confirmado pela própria decadência e gradual desaparecimento da *hakitía*, à medida que com a crescente civilização e respeito pelos direitos humanos, vai crescendo o sossego e a confiança do judeu hispano-marroquino; 2. o afastamento da terra pátria, alheamento que forçosamente fez obliterar e esquecer, pouco a pouco, grande quantidade de vocábulos castelhanos e surgir a necessidade de recompletá-los ou substituí-los sucessivamente por outros de língua árabe ou hebréia; e 3. a distância cada vez maior em tempo, espaço, educação e costumes entre os judeus expulsos e os espanhóis, seria a natural aspiração de possuir um idioma próprio para entender-se, reconhecer-se uns aos outros, e para não confundir-se, nem serem confundidos com seus correligionários de fala arábica.

Em virtude das contínuas viagens entre as comunidades das distintas zonas peninsulares, e também à sua vinculação à administração real, a maioria deles conhecia e falava o castelhano mesmo antes da expulsão, pois a fixação dos judeus na Península Ibérica data dos primeiros séculos da Era Cristã (Castro, 1973, p. 231). Certamente a fala de Castela e Andaluzia, de maior prestígio sociocultural da época, tendeu a impor-se entre os judeus espanhóis, embora esses também conhecessem e empregassem as variantes locais de suas comunidades, como o galego, mirandês, castelhano, catalão, aragonês, basco, asturiano, leonês entre tantas.

É importante ressaltar que entre os judeus não se fixou uma norma linguística unificada, e que suas línguas seguiram evoluções independentes da normalização operada na Península. As relações com a ex-pátria tornaram-se escassas, e eles ficaram isolados num entorno em que não se falava o castelhano, senão outros idiomas, como árabe, turco, grego, italiano, francês, entre outras. Este progressivo isolamento

produziu também uma divisão do mundo judaico em dois partidos linguísticos — o do Mediterrâneo ocidental (ladino) e o do norte da África (hakitía), nos quais as línguas evoluíram de maneiras diferentes.

Rabinos passaram ao ladino centenas de páginas que continham preces e escritos judaicos; o primeiro documento impresso apareceu em Constantinopla, no ano de 1510; já na hakitía, é improvável que haja um lugar e uma data tão precisa de documentos vazados nessa variante linguística, pois essa era considerada uma fala de comunicação estritamente popular, sem finalidade religiosa.

O retorno dos expatriados à Espanha, expulsos em 1492, fez com que o rei Juan Carlos declarasse, em 31 de março de 1992, comemorando os 500 anos do Édito dos reis Isabel e Fernando: “Se a Espanha expulsou os judeus, eles [os judeus] não expulsaram a Espanha de seus corações e nem de suas almas”. E por notório reconhecimento tiveram direito à cidadania espanhola novamente.

## Quando começou a ser falada a hakitía?

Mais ou menos no desfecho da Idade Média (1453), num ambiente permeado pela ideologia religiosa intolerante e por interesses político-econômicos tenebrosos milhares de crianças, mulheres, idosos e homens judeus foram expulsos da Espanha e obrigados a ficarem órfãos da pátria na qual nasceram, cresceram e ajudaram a construir e desenvolver. Após a queda do reino de Granada, os reis cristãos puseram fim à existência dos judeus no território Ibérico. Um adendo, tanto no âmbito cívico

quanto militar, os judeus sempre foram responsáveis e patriotas em seus afazeres e préstimos à Coroa espanhola; mas sob o pretexto de que os judeus eram uma ameaça à paz pública já que aumentavam o contingente estrangeiro, e isso poderia desencadear uma miséria coletiva; por serem ávidos praticantes do pecado da usura e a influência nefasta desse povo sobre a sociedade cristã, os judeus foram expulsos da Península Ibérica no século XV.

Receberam acolhida da dinastia dos Banu Marin no Império Otomano. Essa dinastia foi complacente com os judeus a ponto de lhes dar proteção, mas essa segurança implicava no pagamento de impostos. Os judeus não serviam às armas e gozavam de liberdade intelectual, judicial e religiosa e a maioria dos historiadores israelenses enfatiza que no Marrocos os israelitas tinham relativa autonomia. Estabeleceram de forma independente seus próprios conselhos assim como suas próprias instituições jurídicas, ficando apenas aos cuidados da legislação muçulmana os casos de delitos criminais. Fora isso, os judeus tinham voz e vez.

Os judeus não formavam uma comunidade compacta e pacífica. Muitos conflitos foram travados entre eles em terras otomanas. Os protagonistas eram os membros da comunidade com origem estrangeira “forasteiros” e os da comunidade “residentes”. No Marrocos houve o encontro dos “judeus luso-hispânicos, forasteiros”, conhecidos como *megorashim* com os “judeus residentes”, *toshabim*.

Benchimol (1998, p. 30) comenta:



Os expulsos – megorachim trazem consigo a língua castelhana, sua ciência, suas instituições comunitárias, usos e costumes, seu espírito empreendedor, que fazem deles em relação aos tohabim – judeus nativos, moradores e autóctones – um grupo social dominante: a elite cultural e a burguesia dos notáveis que desempenharão um grande papel nos domínios do comércio, das finanças e da diplomacia.

Os judeus luso-hispânicos trouxeram consigo a medicina, a cultura, os modos e o espírito mercantil europeu; quer dizer, estavam em vantagem em comparação aos judeus de Casablanca, Tânger, Tétouan, Chauen, Arzila, Alcácer-Quibir, Laraxe, Ceuta e Melilha que eram, financeiramente, humildes e não tinham acesso à educação, daí o ciúme e a sensação de impotência por parte dos judeus da costa marroquina do Mediterrâneo.

Os hakítico-falantes se esforçaram por conservar sua língua em meio dos arabófonos, esse empenho de conservação deu certo e a hakitía está na boca dos judeus da África setentrional até hoje e, nesse contexto, a hakitía começou a ganhar independência linguística. Por fim, ela acaba de se constituir num veículo linguístico comum a uma parcela de judeus procedentes da Espanha e de Portugal.

A trajetória histórica dessa língua pode ser dividida em dois grandes períodos que assim está organizada, segundo Sephiha (1980, p. 47):

1. De 1492 até 1860: este período se caracteriza por certa continuidade com relação ao espanhol medieval; caja (caixa) e casa (lar) se pronunciavam como [ˈkaja] e [ˈkaza], por exemplo.
2. De 1860 até a redução dos falantes da hakitía: este período foi marcado pela ocupação espanhola de Tetuan em 1860. Os hakítico-falantes e especificamente a classe economicamente dominante tentaram imitar os hábitos linguísticos e a pronúncia espanhola do século XIX. Este período é onde a Espanha tem interesse de “intervir” no Marrocos mediante empresas econômicas e colonizadoras. Contudo, todos estes esforços tiveram apenas um pequeno êxito linguístico, e sua influência se reduz a modestas mudanças fonético-lexicais da hakitía.

## 2. A PROPOSTA GRÁFICA

Hakitía é uma língua de diáspora sem linhas geograficamente definidas, de vínculo cultural com um grupo étnico que mantém suas tradições, costumes e religião judaica. Com o passar do tempo, foi-se adaptando aos países em que adentrou (situação de contato linguístico) e esse contato do árabe marroquino, com o espanhol medieval e do hebraico litúrgico favoreceu a uma interação linguística *sui generis*.

A tentativa de se grafar a hakitía apareceu em algumas cartas no Marrocos em alfabeto Rashi, depois em espanhol, em árabe e até em hebraico sem êxito, ficando a hakitía conhecida como um dialeto espanhol ágrafo e nenhum prestígio social.

O estilo de escrita Rashi é usado principalmente para escrever comentários em textos. Recebeu este nome em homenagem ao Rabbi Shlomo Yitzchaki (1040-1105), um dos maiores intelectuais judeus e estudioso da Bíblia. Rashi não usou o estilo que leva seu nome:

כ	י	ט	ח	ז	ו	ה	ד	ג	ב	א
kaf	yod	tet	chet	zayin	vav	he	dalet	gimel	bet	alef
ת	ש	ר	ק	ץ	פ	ע	ס	נ	מ	ל
tav	shin/sin	resh	kof	tzadi(k)	pe	ayin	samech	nun	mem	lamed

Caso comparemos o judeu-marroquino ao latim, que foi uma língua com pergaminhos de Antiguidade, nobreza e excelência, em que os escribas ou os copistas procuravam soluções gráficas, apesar das realidades fônicas mais recentes serem desconhecidas, na hakitía não

houve essa preocupação, tanto que por séculos ninguém teve a iniciativa de padronizar sua grafia.

Em 2003, Álvaro Cunha sugeriu a grafia atual da hakitía para os hakítico-falantes da Amazônia; até então não se teve conhecimento de alguém que tivesse a disposição de fazê-lo.

A falta de uniformidade na escrita, às vezes, causa transtornos na hakitía. Ocorre que da maneira como se grafa no Canadá é muito diferente de como se grafa no Brasil, na Venezuela e assim por diante.

Para efeito ilustrativo observe-se este exemplo:

No Canadá "ferazwol" – fora do mal;

no Brasil "feraxmau"; e

na Venezuela "ferasmal".

Eis a proposta gráfica para a hakitía:

Maiúsculas:

A – B – D – E – F – G – I – J – L – M – N – Ñ – O – P – K – R – H – S – T  
– U – V – X – Z.

Minúsculas:

a – b – d – e – f – g – i – j – l – m – n – ñ – o – p – k – r – h – s – t – u –  
v – x – z.

### 3. CHAVE DE PRONÚNCIA

A, a para /a/

B, b para /b/

D, d para /d/

E, e para /e/ e para /ɛ/

F, f para /f/

G, g para /g/

I, i para /i/

J, j para /ʒ/

L, l para /l/

M, m para /m/

N, n para /n/

Ñ, ñ para /ɲ/

O, o para /o/ e para /ɔ/

P, p para /p/

K, k para /k/

R, r para /r/

H, h para /h/

S, s para /s/

T, t para /t/

U, u para /u/

V, v para /v/

X, x para /ʃ/

Z, z para /z/

## 4. DESCRIÇÃO ARTICULATÓRIA DOS SONS E SUA DISTRIBUIÇÃO

A compreensão da formação da fonologia da hakitía deve partir do conhecimento do estado atual da língua, o mais aproximado possível. Abaixo, segue um quadro aproximado das realizações fonéticas que se tem na fala em judeu-marroquino falado no norte do Brasil.

### 4.1. Quadro fonético dos segmentos consonantais

	bilabial	labiodental	alveolar		pós-alveolar		palatal	velar	glotal
oclusiva	p	b	t	d			k	g	
africada					tʃ	dʒ			
fricativa		f	v	s	z	ʃ	ʒ		h
nasal		m			n		ɲ		
lateral					l		ʎ		
vibrante					r				
aproximante		w					j		

### CONSOANTES OCLUSIVAS SURDAS

[p] oclusiva bilabial surda:

[#\_V]

[pa.'ʒa] 'costura'

[ 'pe.ɲa ] 'penhasco'

[ 'pi.ki ] 'ponto'

[ 'pɔ.gi ] 'espirro'

[pu.'ke] 'fundo'

[V\_V]

[si.'pɛ.tu] `versão'

[u.'pɛʃ] `guia'

[la.'pɔ] `indagação'

['du.pɛ] `molho'

[la.'pi.ʃu] `afinco'

[t] oclusiva alveolar surda:

[#\_V]

['ta.ha] `fresco'

[te.'ka] `detalhe'

[tʃi.'na.ga] `notável'

['to.sa] `categoria'

['tur.vu] `turvo'

[V\_V]

[hɔ.'tɛ] `estudante'

['ma.ta] `mato'

['si.ta] `adocicado'

['lɔ.tu] `mercado'

['kan.tu] `cantina'

[k] oclusiva velar surda:

[#\_V]

[ka.'vaw] `solo´

[ˈkɛ.ʎi] `copo´

[ki.'ba] `canal´

[ˈko.lu] `arvoredo´

[ku.'ra] `sombra´

[V\_V]

[ˈme.ki] `pó´

[da.'kir] `preso´

[ˈfa.kja] `pulga´

[fi.'ka] `capaz´

[be.ra.'ka] `entranha´

## CONSOANTES OCLUSIVAS SONORAS

[b] oclusiva bilabial sonora:

[#\_V]

[ˈbah.ku] `navio´

[ˈbe.ʃu] `beijo´

[ˈbi.ʃ.ta] `vista´

[bɔ.'ra.ʃu] 'quadro'

['buʃ.ke.da] 'busca'

[V\_V]

[ka.'ba.lu] 'cavalo'

['fɛ.bja] 'carimbo'

[be.be.'ar] 'apregoar'

[zi.'bɛ] 'força'

[a.he.bo.'sar] 'cobrir'

[d] oclusiva alveolar sonora:

[#\_V]

[da.'ka] 'golpe'

[de.'lu.vju] 'dilúvio'

[dʒi.'ha.blɨ] 'diabo'

[don.'zɛ.la] 'donzela'

[du.'tor] 'doutor'

[V\_V]

[e.de.'ar] 'presentear'

[fɛ.'dan] 'terreno'

[ga.'dɔw] 'grande'



[ve.'da.ra] 'incubação'

[ki.'dar] 'desvalorizado'

[g] oclusiva velar sonora:

[#\_V]

[ga.tre.'ar] 'esconder'

[ger.'ba.lu] 'peneira'

[gi'.ra] 'pena'

[goh.'da] 'solidão'

[gu.'mja] 'punhal'

[V\_V]

[sa.'gu] 'areia'

[ha.re.'ga] 'orgulhosa'

[ʒi.'gan.tʃi] 'gigante'

[mo.'gir] 'deitar'

['ri.gi] 'duro'

## CONSOANTES FRICATIVAS SURDAS

[f] fricativa labiodental surda:

[#\_V]

['fa.ka] 'faca'

[fe.'za] `faísca`

['fi.ha] `cheiro`

[fo.'si.ku] `focinho`

[fũ.ke.'ar] `socorrer`

[V\_V]

['ga.fũ] `gomo`

[da.'fi.na] `comida judaico-marroquina`

[ko.'fɛ.tu] `confete`

[bi.'fa] `exame`

[a.'fe.ra] `fora`

[s] fricativa alveolar surda:

[#\_V]

['sa.ba] `monte`

['sɛ.ha] `gritaria`

[si.'si] `franja`

[so.'fa] `corneta`

['su.za] `comilão`

[V\_V]

['ta.sa] `taça`

[ʃu.se.'ar] `visitar`

['zo.su] `vidro`

['ki.su] `dificuldade`

[ha.'si] `rico`

[ʃ] fricativa pós-alveolar surda:

[#\_V]

['ʃa.lu] `prazer`

[ʃe.'ki] `terrível`

['ʃi.ba] `barba`

['ʃɔ.lu] `isca`

['ʃu.ka] `espinha`

[V\_V]

[ʃu.ʃe.'ar] `aproximar-se`

[i.'ʃa] `mulher`

[a.'ʃa.vi] `agora`

[i.'ʃu.vi] `rabinato`

[mo.'ʃɛ] `Moisés`

[h] fricativa glotal surda:

[#\_V]

[ha.'ka] `verdade`

[he.'lɛ.ki] `parte`

[hi.'da] `enigma`

[ho.'ba] `dever`

[hu.'pa] `casamento`

[V\_V]

[za.'ha] `ouro`

[ge.hi.'ar] `invadir`

[e.'ha.dʒi] `domingo`

[ku.'hɛr] `pegar`

[bu.'ha.ri] `moreno`

## CONSOANTES FRICATIVAS SONORAS

[v] fricativa labiodental sonora:

[#\_V]

[va.ha.'ra.da] `hálito`

[ve.'zi.ta] `visita`

[vi.'da] `vida`

['vo.lu] `vôo`

[vu.'gar] `vulgar`

[V\_V]

['pa.vi] 'puro'

[ku.'ve.ru] 'coveiro'

[gɛ.'ve.ma] 'gaveta'

[ʃa.ve.'ar] 'trancar'

['ʃi.va] 'erva'

[z] fricativa alveolar sonora:

[#\_V]

['za.gi] 'imoderado'

[ze.'ni] 'antigo'

['zi.ga] 'ação'

[zo.'ma] 'fedor'

[zun.ke.'ar] 'pintar'

[V\_V]

[ha.'za.ki] 'vassoura'

[trɛ.'zjen.tuʃ] 'trezentos'

[su.'za.ki] 'ladrão'

['mo.zu] 'moço'

[fi.'za] 'escândalo'

[ʒ] fricativa pós-alveolar sonora:

[#\_V]

[ˈʒa.ha] `jarro`

[ˈʒen.tʃi] `gente`

[ˈʒi.fa] `miúdo`

[ˈʒo.ha] `idiota`

[ʒu.ˈrar] `jurar`

[V\_V]

[ˈkan.ʒi] `canja`

[iʃ.ˈpon.ʒu] `esponja`

[he.ˈʒa] `cerca`

[mu.ˈʒi.fi] `alívio`

[me.ʒɛ.ˈfar] `sortear`

## CONSOANTES NASAIS

[m] nasal bilabial:

[#\_V]

[ˈma.za] `cabra`

[me.ˈda] `espetáculo`

[mi.'la] `circuncisão`

['mo.hu] `mofo`

[mu.zi.'ka] `música`

[V\_V]

['ka.ma] `cama`

[ho.'ma] `muralha`

['fu.mu] `cigarro`

[go.mi.'tar] `vomitar`

[nɛ.'fi.ma] `alma`

[n] nasal alveolar:

[#\_V]

[na.'bi] `profeta`

[ne.ba.'da] `doação`

[ni.'da] `menstruada`

[no.mɛ.'ro] `número`

[nu.'ba] `turno`

[V\_V]

[he.ne.'ar] `compadecer-se`

[le.'ʃa.nu] `distante'

[se.ke.'na] `perigo'

[fi.ne.'ar] `consumir'

[a.'nɛ.ʒu] `idoso'

[ɲ] nasal palatal:

[#\_V]

['ɲa.pa] `napa'

[ɲen.'gar] `incomodar'

['ɲi.ɡer] `iludir'

['ɲo.ka] `nuca'

['ɲu.du] `despido'

[V\_V]

[ɔh.de.'ɲar] `chupar'

[gi.'ɲa.pu] `guardanapo'

['ɲi.ɲu] `garoto'

[pɛʃ.'ta.ɲo] `pestana'

[rɛ.ga.'ɲar] `resmungar'



## CONSOANTE VIBRANTE

[r] vibrante alveolar:

[#\_V]

[ra.'ka] `remendo`

[rɛ.'bi] `rabino`

['ri.ma] `construção`

[rɔ.'gar] `rogar`

[ru.ha.'ni] `espiritual`

[V\_V]

[se.mu.'ra] `imaculado`

[a.ri.de.'ar] `convidar`

[me.ri.'zi] `frouxo`

[ʒɔ.'ra] `toalha`

[a.to.ri.'ar] `escurecer`

## APROXIMANTES

[w] aproximante bilabial:

[#\_V]

[wa.re.'ar] `empurrar`

['wɛ.ku] `oco`

['wi.ði] `maleta`

[V\_V]

[aw.'a.du] `aguado`

[aw.'e.lu] `avô`

[iw.a.'lar] `igualar`

[j] aproximante palatal:

[#\_V]

['ja.ma] `chama`

[je.hu.'dʒi] `judeu`

[jɔ'rar] `jorrar`

[V\_V]

[aj.'ar.da] `salada`

[he.'ma.je] `torcida`

[a.'lu.ja] `cinza`

CONSOANTE LATERAL

[l] lateral alveolar:

[#\_V]

['la.la] `senhora`

[le.ba.'na] `lua`

['li.zu] `liso`

['lɔ.za] `pedra`

['lu.ʃu] `luxo`

[V\_V]

[ma.'la] `elevação`

[tu.'le] `apertado`

[hɔ.'lɔ.ka] `beleza`

[pe.le.'ar] `brigar`

[ha.le.'ar] `mudar-se`

## 4.2. Quadro fonético dos segmentos vocálicos orais

	anteriores não-arreds.	central não-arred.	posteriores arreds.
alta	i		u
méd.-alta	e		o
méd.-baixa	ɛ		ɔ
baixa		a	

### VOGAIS ANTERIORES

[i] anterior não-arredondada alta oral:

[#\_]

[i.'dɔ.lu] 'ídolo'

[i.'ka.ma] 'material'

['iʃ.la] 'ilha'

[C\_C]

['hi.pu] 'solução'

[si.'ta.ra] 'sacada'

[ʃɛ.ri.'ka] 'companheira'

[\_#]

[pa.'su.ki] 'versículo'

[mɔ.ko.'zi] 'assado de panela'

[ra.'fi] `aspirado`

[e] anterior não-arredondada média-alta oral:

[#\_]

[em.'ba.ʃu] `feiticeiro`

['eh.da] `ruína`

[eʃ.pi.ri.'to] `álcool`

[C\_C]

[ʒe.'ta] `gosto`

[ke.'ri.ʃa] `insulto`

[na.'ser] `nascer`

[\_#]

[ke're] `capital`

[pa.ma.'se] `cortina para cobrir a Torá`

[rɛ.'be] `peteca`

[ɛ] anterior não-arredondada média-baixa oral:

[#\_]

[ɛ.'bɛ.dʒi] `escravo`

[ɛ.'rɛ.bi] `tarde`

[ɛ.'sa] `conselho`

[C\_C]

[sa.'fɛ.ki] `dúvida`

['hɛ.rɛ.bi] `espada`

['kɛ.bra] `quebra`

[\_#]

[har.'mɛ] `triste`

[gɛ.'zɛ] `rpto`

[da.'lɛ] `suicida`

VOGAL CENTRAL

[a] central não-arredondada baixa oral:

[#\_]

[a.ko.'par] `ocupar`

[a.fi.'tar] `cortar o cabelo`

[aʃ.pɛ.'rar] `esperar`

[C\_C]

[ba.'sar] `carne`

[dra.'fa] `gentileza`

['ga.ʒu] `gomo`

[\_#]

[ha.'dra] `conversação`

[ʒa.'ba.ta] `confusão`

[mi.'ta] `funeral`

## VOGAIS POSTERIORES

[u] posterior arredondada alta oral:

[#\_]

[u.'ha.da] `rio`

[u.'ta] `hotel`

[u.kle.'ar] `delegar`

[C\_C]

[re.'fũ.gu] `permissão`

[mu.'tar] `lícito`

[iʃ.ku.'ʃar] `examinar`

[\_#]

[ha.'bu] `engano`

['mɛ.gu] `armário`

[ha.'ka.du] `machado`

[o] posterior arredondada média-alta oral:

[#\_]

['o.ha] `honra`

['o.vju] `óbvio`

['o.ʒu] `olho`

[C\_C]

[ka.'vo.dʒi] `defesa`

[iʃ.'bo.hu] `inimigo`

[do.'gar] `enfileirar`

[\_#]

[baw.sa.'mo] `bálsamo`

[ma.ʒi.'ko] `mágico`

['ba.ko] `setor`

[ɔ] posterior arredondada média-baixa oral:

[#\_]

[ɔ.'be.ʒa] `abelha`



[ɔ.'ki.fa] 'momento'

[ɔ.'rɛ.ha] 'hóspede'

[C\_C]

['ʒɔ.ʒa] 'roupa de rabino'

['ho.ma] 'ciência'

['dɔ.gri] 'sério'

[\_#]

[fo.si.'kɔ] 'buraco'

[ʒi.'zɔ] 'cenoura'

[ʃe.bi.'dɔ] 'insosso'

## 5. FONOLOGIA SEGMENTAL

Abaixo, a análise dos fonemas consonantais e vocálicos, verificando a variação livre; na língua, não houve constatação de distribuição complementar.

### CONSOANTES

#### VARIAÇÃO LIVRE DOS SEGMENTOS CONSONANTAIS

Os segmentos abaixo estão em variação livre e, portanto, devem ser considerados alofones dum mesmo fonema, ei-los:

[tʃ] e [t], diante da vogal anterior não-arredondada alta oral [i].

	[tʃ]	~	[t]	
/tje'duki/	[tʃje.'du.ki]		[tje.'du.ki]	'filtro'
/u'moti/	[u.'mo.tʃi]		[u.'mo.ti]	'nação'
/zi'ganti/	[zi.'gan.tʃi]		[zi.'gan.ti]	'gigante'

[dʒ] e [d], diante da vogal anterior não-arredondada alta oral [i].

	[dʒ]	~	[d]	
/medi'ko/	[mɛ.dʒi.'ko]		[mɛ.di.'ko]	'médico'
/dje'duki/	[dʒje.'du.ki]		[dje.'du.ki]	'gramática'
/di'hablu/	[dʒi.'ha.blɥ]		[di.'ha.blɥ]	'diabo'

[ɲ] e [n], diante da vogal anterior não-arredondada alta oral [i].

	[ɲ]	~	[n]	
/ni'da/	[ɲi.'da]		[ni.'da]	'menstruada'
/'niɲu/	[.'ɲi.ɲu]		[.'ni.ɲu]	'garoto'
/ruha'ni/	[ru.ha.'ɲi]		[ru.ha.'ni]	'espiritual'

[ʎ] e [l], diante da vogal anterior não-arredondada alta oral [i].

	[ʎ]	~	[l]	
/'lizu/	[.'ʎi.zu]		[.'li.zu]	'liso'
/ʃe'li/	[ʃe.'ʎi]		[ʃe.'li]	'terrível'
/'kɛli/	[.'kɛ.ʎi]		[.'kɛ.li]	'copo'

[l] e [w], em Coda silábica.

	[l]	~	[w]	
/alke'ar/	[al.ke.'ar]		[aw.ke.'ar]	'suspender'
/sal/	[sal]		[saw]	'sal'
/ga'dɔw/	[ga.'dɔl]		[ga.'dɔw]	'grande'

[ʃ] e [s], em Coda silábica.

	[ʃ]	~	[s]	
/feras'maw/	[fe.raʃ.'mal]		[fe.ras.'maw]	'fora do mal'
/es'pinu/	[eʃ.'pi.nu]		[es.'pi.nu]	'espinho'
/'padres/	['pa.dres]		['pa.dreʃ]	'pais'

## 5.1. Fonemas consonantais

	bilabial	labiodental	alveolar	pós- alveolar	palatal	velar	glotal	
oclusiva	p	b	t	d		k	g	
fricativa		f	v	s	z	ʃ	ʒ	h
nasal		m		n		ɲ		
lateral				l				
vibrante				r				
aproximante		w				j		

## VOGAIS

A seguir, a fonologia dos segmentos vocálicos. Observaremos a oposição entre vogais orais.

## OPOSIÇÃO ENTRE FONEMAS VOCÁLICOS ORAIS

Devem ser considerados fonemas distintos os segmentos vocálicos orais que estão em oposição:

/a/ : /ɛ/

/ˈadan/ [ˈa.dan] `terra'      /ˈɛdan/ [ˈɛ.dan] `peregrino'

/e/ : /ɛ/

/veˈʃema/ [ve.ˈʃe.ma] `couve'      /veˈʃɛma/ [ve.ˈʃɛ.ma] `esquadra'

/i/ : /e/

/ˈifa/ [ˈi.fa] `fértil'      /ˈefa/ [ˈe.fa] `cura'

/o/ : /ɔ/

/ˈodu/ [ˈodu] `inferno'      /ˈɔdu/ [ˈɔdu] `poder'

/u/ : /i/

/ˈusa/ [ˈu.sa] `planície'      /ˈisa/ [ˈi.sa] `fígado'

## 5.2. Fonemas vocálicos orais

	anteriores não-arreds.	central não-arred.	posteriores arreds.
alta	i		u
méd.-alta	e		o
méd.-baixa	ɛ		ɔ
baixa		a	

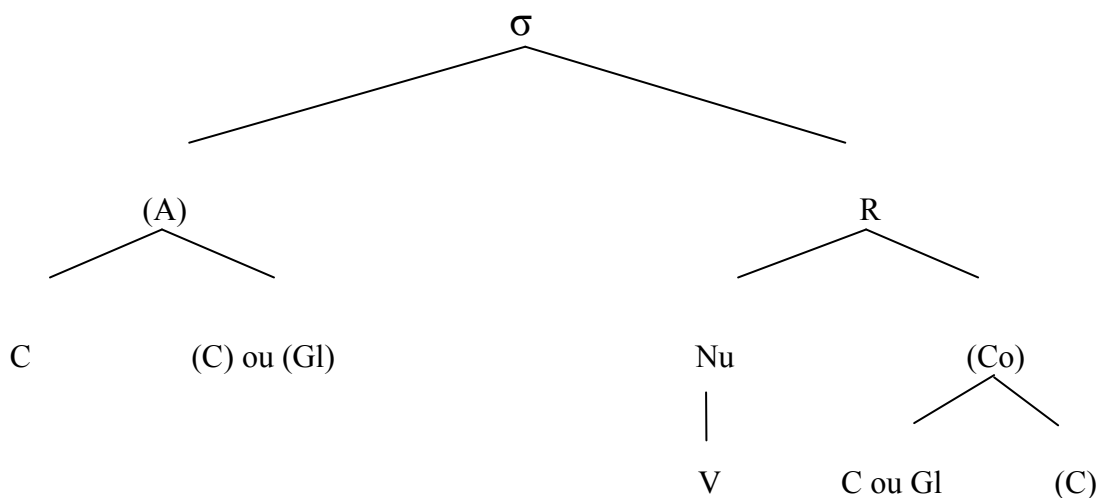
## 6. O MOLDE SILÁBICO

Observando a estrutura silábica do judeu-marroquino é possível verificar as seguintes combinações, onde C em VC pode ser uma líquida, uma fricativa ou uma nasal, o segundo C em CCV só pode ser uma líquida; se assim não for, ocorrerá fatalmente juntura aberta, o que foneticamente corresponderia a um resquício vocálico entre C e C, assim:

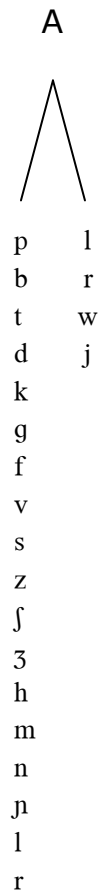
*\*hsi.'ba >> hi.si.'ba.*

1. V        /ga'iba/     `ausência';
2. VC      /'asnu/        `burro';
3. CV      /'meza/        `mesa';
4. CCV     /bra'zilja/     `Brasil';
5. CVC     /bah'zi/        `risonho';
6. CVCC    /perspi'gas/    `ligeiro';
7. CCVC    /tris'tura/     `tristeza'; e
8. CCVCC   /trenspa'sar/   `transpassar'.

E pode ser assim representado em forma de árvore:



Na posição de Ataque silábico temos o seguinte cânone:



Com restrição aos pares \*/tl/; /dl/; /vl/; /vr/; /sl/; /sr/; /zl/; /zr/; /ʃl/; /ʃr/; /ʒl/; /ʒr/; /hl/; /hr/; /ml/; /mr/; /nl/; /nr/; /ɲl/; /ɲr/; /ll/; /lr/; /rl/; /rr/.

O Glide em posição secundária, no Ataque ramificado, aponta para a existência do ditongo crescente na hakitía, por exemplo: /'kwaNdu/ 'quando'; /djo/ 'Deus'; /'ma.nja/ 'algema'.

Exemplos de séries permitidas no Ataque ramificado:

1. /pla'zer/ 'prazer';

2. /'pɾɛba/      `prova';
3. /bla/        `contrariedade';
4. /bra'ber/    `berbere';
5. /tro'kar/    `trocar';
6. /'drafa/     `gentileza';
7. /'klufi/     `intrometido';
8. /kri'be/     `beliscão';
9. /'glala/     `argamassa';
10. /'grɔza/    `cambada';
11. /flo'ʃo/    `frouxo'; e
12. /'friʒa/    `repolho'.

Na posição de Núcleo silábico temos o seguinte cânone:

Nu

|

a  
 ε  
 ɔ  
 e  
 o  
 i  
 u

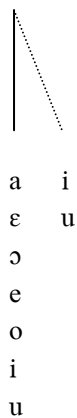


Os exemplos mostram as séries de Núcleo silábico simples:

1. /'adaN/    `terra';
2. /'ɛdaN/    `peregrino';
3. /'ɔdu/      `poder';
4. /ve'ʃema/    `couve';
5. /'odu/      `inferno';
6. /'isa/        `fígado'; e
7. /'usa/        `planície'.

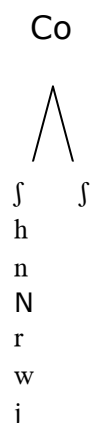
A proposta dum Núcleo silábico ramificado confirma a existência de hiato na língua, em que a segunda vogal desse Núcleo — na hakitía — só pode ser /i/ ou /u/; caso fosse /j/ e /w/ esses elementos ocupariam Coda e seriam ditongos decrescentes, variando livremente com o hiato, o que não é o caso:

Nu



1. /ga'iba/ 'ausência' ~ \*/'gajba/ 'ausência';
2. /ha'ufa/ 'cansaço' ~ \*/'hawfa/ 'cansaço';
3. /sa'ita/ 'saia' ~ \*/'sajta/ 'saia'; e
4. /re'uve/ 'avenida' ~ \*/'rewve/ 'avenida'.

Na posição de Coda silábica temos o seguinte cânone:



1. /maf'kada/ 'mastigada';
2. /bah'zi/ 'risonho';
3. /ne'maN/ 'fiel';
4. /kar'far/ 'ler';
5. /sawhe'ir/ 'reconciliar';
6. /ʃa'daj/ 'pingente'; e
7. /trenʃpa'sar/ 'transpassar'.

Pode-se observar que a presença das aproximantes /w/ e /j/ na Coda já dão indícios da existência de ditongo decrescente no judeu-marroquino; o arquifonema nasal /N/ será discutido no próximo capítulo em Coda

silábica; e o fonema /ʃ/ como segundo elemento de Coda ramificada indica a sílaba máxima que o idioma estudado pode atingir.

Clements & Keyser (1983, p. 28) propuseram que as línguas apresentam padrões bem definidos quanto aos agrupamentos silábicos:

- a) todas as línguas possuem padrão CV;
- b) há línguas que permitem supressão da consoante à esquerda do ápice silábico; e
- c) há línguas que permitem consoante à direita do Núcleo silábico.

Assim, propõem a seguinte tipologia para as línguas:

Tipo 1: CV — aceitam somente *a*, portanto, não têm encontros vocálicos ou consonantais heterossilábicos na cadeia da fala;

Tipo 2: CV V — aceitam *a* e *b*, portanto, não possuem encontros vocálicos heterossilábicos;

Tipo 3: CV CVC — aceitam *a* e *c*, portanto, não possuem encontros consonantais heterossilábicos;

Tipo 4: CV V CVC VC — aceitam *a*, *b* e *c*, portanto, têm encontros vocálicos e consonantais heterossilábicos.

Tomando-se as palavras /ewhe'idu/, /ga'iba/, /bra'zilja/, /triʃ'tura/ e /bah'zi/ é possível verificar que a hakitia tem encontros vocálicos e consonantais heterossilábicos, portanto, é de tipo 4, isto é, possui o padrão CV e admite a inserção de consoante à direita do Núcleo silábico.

## 7. ARQUIFONEMA

As consoantes nasais /n/ e /m/, em Coda silábica, neutralizam-se e provocam a representação dum arquifonema nasal /N/. Noutros contextos, observa-se a oposição entre ambas.

Contextos:

1. [#\_V]

[<sup>1</sup>ma.za] `cabra`

[na.<sup>1</sup>bi] `profeta`

2. [V\_V]

[<sup>1</sup>ka.ma] `cama`

[le.<sup>1</sup>ʃa.nu] `distante`

Mas em Coda silábica, essa oposição desaparece:

3. [V\_#]

[ki.du.<sup>1</sup>sin] `bênção nupcial`    e    [ki.du.<sup>1</sup>sim] `bênção nupcial`

[ko.<sup>1</sup>hen] `sacerdote`    e    [ko.<sup>1</sup>hem] `sacerdote`

[in.ton.<sup>1</sup>ta.du] `desorientado`    e    [im.tom.<sup>1</sup>ta.du] `desorientado`

O que nos faz postular a regra:

/n/ e /m/ → /N/ /\_\_\_Co

Os fonemas /n/ e /m/ tornam-se arquifonema nasal /N/ em Coda silábica:

/kidu'siN/ 'bênção nupcial'

/ko'heN/ 'sacerdote'

/iNtoN'tadu/ 'desorientado'

## 8. CONCLUSÃO

Este trabalho teve por objetivo a descrição pioneira na fonologia da língua hakitía falada no norte do Brasil. Inicialmente, fez-se a contextualização histórica do falar, voltando-se à sua origem na Espanha, com a expulsão dos judeus, em 1492, pelos reis Isabel de Castela e Fernando de Aragão, suas várias rotas de exílio, dentre elas, o Marrocos, no norte da África, e, a partir daí até a Amazônia.

Depois, abordou-se o foco central desta dissertação — a análise fonológica do idioma. Mapearam-se os sons consonantais e vocálicos; identificaram-se os padrões silábicos existentes; e a condição para a inclusão dum arquifonema nasal.

A seguir, partiu-se à análise baseada em FERREIRA NETTO (2001), a fim de que os fatores fonológicos da língua fossem identificados e teorizados.

O falar estudado apresentou sete vogais orais /a, ε, e, i, o, o, u/; dezoito consoantes /p, b, t, d, k, g, f, v, s, z, ʃ, ʒ, h, m, n, ɲ, l, r/; um par de semivogais /w/ e /j/; a incoerência de Distribuição Complementar, porém a constatação de Variantes Livres nalguns ambientes; a proposta dum arquifonema nasal em Coda silábica; a confecção do alfabeto da língua em caracteres latinos; e oito Moldes Silábicos: V, VC, CV, CCV, CVC, CVCC, CCVC, CCVCC ordenados de acordo com a ocorrência.

## BIBLIOGRAFIA

ALI, S. **Gramática Secundária da Língua Portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos, 1966.

ANDRADE, E. **Temas de Fonologia**. Lisboa: Colibri, 1994.

BARTH, F. **Teorias da Etnicidade seguido de Grupos Étnicos e suas Fronteiras**. São Paulo: Editora da Unesp, 1998.

BENCHIMOL, S. **Eretz Amazônia: os judeus na Amazônia**. Manaus: Ed. Valer, 1998.

BENMERGUI, I. B. **Diccionario de Haquetía – Guía Esencial del Dialecto de los Judíos Del Norte de Marruecos**. Caracas: Ediciones de la Asociación Israelita de Venezuela y del Centro de Estudios Sefardíes de Caracas, 2004.

BENOLIEL, J. **Dialecto Judeo-Hispano-Marroquí o Hakitía**. Madrid: Sefarty, 1977.

BENTES, A. R. **Os sefardim e a hakitia**. Belém: Mitograph, 1981.

BENVENISTE, E. **Problemas de Lingüística Geral**. São Paulo: Nacional/EDUSP, 1976.

BENDELAC, A. B. de. **Voces Jaquetiescas**. Caracas: Biblioteca Popular Sefardi, 1990.

BISOL, L. **O ditongo na perspectiva da fonologia atual**. Delta, 5(2), pp. 185-224, 1989.

CAGLIARI, L. C. **Fonologia do Português. Análise pela geometria de traços**. Campinas: Edição do Autor, 1997.

CÂMARA Jr., J. M. **Princípios de Lingüística Geral**. Rio de Janeiro: Padrão, 1977.

CÂMARA Jr., J. M. **Para o Estudo da Fonêmica Portuguesa**. Rio de Janeiro: Padrão, 1977.

CÂMARA Jr., J. M. **Estrutura da Língua Portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 1979.

CASTRO, A. **Historia de los judios en España**. Madrid: Libros Certeza, 1973.



CORDEIRO, H. D. **Judaísmo sefarad: uma arqueologia cultural**. São Paulo: Capital/Sefarad Editorial, 1997.

CHETRIT, J. **Judeo-Arabic and Judeo-Spanish in Morocco and their sociolinguistic interaction**. In: FISHMAN, J. A. (Ed.). **Readings in the sociology of Jewish languages**. Leiden: E. J. Brill. 1985.

CHOMSKY, N.; HALLE, M. **The Sound Pattern of English**. New York: Harper & Row, 1968.

CLEMENTS, G. N.; KEYSER, S. J. **A generative Theory of the Syllable**. Cambridge: The MIT Press, 1983.

CRYSTAL, D. **Dicionário de Lingüística e Fonética**. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda., 2000.

CUNHA, A. G. **Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

DITTMAR, N. **Sociolinguistics – a critical survey of theory and application**. Trad. Peter Sand, Pieter A. M. Seuren and Kevin Whiteley. London: Edward Arnold, 1976.

FERREIRA NETTO, W. **Introdução à fonologia da língua portuguesa.**

1. ed. São Paulo: Hedra, 2001.

FERREIRA NETTO, W. **O acento na língua portuguesa.** In: Gabriel

Antunes de Araújo. (Org.). **O acento em português: abordagens**

**fonológicas.** 1 ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2007, v. 1, p. 21-36.

FERREIRA NETTO, W. **Hierarquia das unidades fonológicas.** In: 54º

Seminário do GEL, 2006, Araraquara. Caderno de Resumos. Araraquara:

Unip/Unesp, 2006. v. 1. p. 268-268.

GAIA, S. G. **Elementos de Fonética General.** Madrid: Gredos, 1966.

GOLDSMITH, J. A. **Autosegmental and Metrical Phonology.**

Cambridge: Blackwell, 1990.

HEYE, J. **Considerações sobre Bilingüismo e Bilingualidade: revisão**

**de uma questão.** In: SAVEDRA, M.; HEYE, J. (Org.). Palavra – Línguas

em Contato. Rio de Janeiro: Departamento de Letras/PUC-Rio, nº 11,

p.15-50, 2003.

International Phonetic Association. **Handbook of the International**

**Phonetic Association.** Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

JUDEUS. **Chamada geral,** Santarém: Rádio Rural, 31 mar. 1992.

LAPESA, R. **Historia de la lengua española**. Madrid: Gredos, 1985.

LEVY, M. **Em ladino**. São Paulo: Edicon, 1993.

LYONS, J. **Introdução à Lingüística Teórica**. São Paulo: Nacional, 1979.

MASSINI-CAGLIARI, G. **Acento e ritmo**. São Paulo: Contexto, 1992.

MATEUS, M. H. M. **Aspectos da Fonologia Portuguesa**. Lisboa: Instituto Nacional de Investigações Científicas, 1982.

NINYOLES, R. I. **Idioma y poder social**. Madrid: Editorial Tecnos, 1972.

SAUSSURE, F. **Curso de Lingüística Geral**. São Paulo: Cultrix, 1974.

SEPHIHA, H. V. **Le judeo espagnol au Maroc**. In: IFRAH, Albert. **Juifs du Maroc (Identité et dialogue)**. Grenoble: Pensée Sauvage, 1980.

SEPHIHA, H. V. **Le Ladino (judéo-espagnol calque). Structure et évolution d'une langue liturgique**. Paris: Association Vidas Largas, 1982.

STERN, N. **Meaning and change of meaning**. Hamburgo: Göteborg, 1931.

TRUBETZKOY, N. S. **Principios de Fonología**. Madrid: Cincel, 1973.

TRUDGILL, P. **Sociolinguistics: An introduction**. London: Penguin, 1984.

WETZELS, W. L. **A teoria fonológica e as línguas indígenas brasileiras**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1995.

WEXLER, P. **Jewish Interlinguistics: facts and conceptual framework**. *Language*, v. 57, n. 1, 1981.

WARDHAUGH, R. **Languages in competition**. Oxford: Blackwell, 1987.

WHATMOUGH, J. **Language, a modern synthesis**. London: Secker and Warburg, 1986.